
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

UM BREVE INVENTÁRIO DE (RE)LEITURAS DE JAMES JOYCE E UMA PARADA NO BAR SYMPSONIANO TOM O'FLANAGAN EM DUBLIN

Márcio Pereira Ribeiro (Uniandrade)
e Brunilda Reichmann (Uniandrade)
(brunilda.reichmann@gmail.com)

RESUMO: Este trabalho apresenta um breve inventário da influência da cultura popular na obra de James Joyce (1988-1941) e a marca que a produção do autor imprimiu, posteriormente, nas mais diversas mídias. Segundo Jonathan Goldman, os textos de Joyce são repletos de referências a entretenimentos populares. O crítico afirma, ainda, que os escritos de Joyce serviram como fonte para adaptações no cinema, no rock, na opereta e nos romances gráficos. Para ilustrar os comentários de Goldman, examinaremos o episódio *Em nome do avô* (E20 T14), de *Os Simpsons*, que tem a Irlanda como cenário, Joyce como um dos figurantes e o trajeto de Bloom, descrito em detalhes no romance *Ulysses*, como uma rota turística na capital irlandesa.

PALAVRAS-CHAVE: cultura popular; releituras; *Simpsons*.

Considerações iniciais

Este texto apresenta um breve inventário da presença da cultura popular na obra do escritor irlandês James Joyce (1988-1941) e a posterior influência que a personalidade e a produção literária de Joyce têm, durante décadas, na cultura de massa e nas mais diversas mídias. Segundo Jonathan Goldman, professor Assistente de Inglês no Instituto de Tecnologia de New York e um estudioso da relação entre a literatura e a cultura popular, Joyce era “viciado” em manifestações artísticas e culturais do povo irlandês. Os escritos de Joyce são, desde o início, repletos de referências a entretenimentos populares de sua época, bem exemplificados pelas histórias de faroeste que inflamam a mente do narrador do segundo conto de *Dublinenses*, “Um encontro”, publicado em 1914, mas escrito cerca de uma década antes. Quando publica *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1929), referências recorrentes a revistas de quadrinhos, canções populares, programas de rádio, filmes, televisão, ficção e fotografia erótica já haviam se tornado uma presença constante em seus escritos. Goldman afirma ainda

que no decorrer do último século, Joyce e sua obra foram apropriados por uma gama de gêneros populares. Seus textos serviram de fonte para adaptações (por mais tênues que sejam) no cinema, no rock, na opereta e nos romances gráficos, sem mencionar as versões literárias e teatrais, que nos são mais familiares. A quantidade e variedade dessas adaptações atestam o calibre da realização literária e a estatura alcançada pelo conjunto de textos de Joyce, uma obra que fascina a tal ponto que é, ainda hoje, relida e revisitada. Além disso, inúmeros textos populares invocam o ícone Joyce, seja usando seu nome ou sua imagem, esta última adornada por chapéu *fedora*, óculos e bigode. Frequentemente encontradas em lugares mais inesperados, essas imagens apontam para o alcance cultural de sua reputação e a permanência de sua notoriedade, questões relacionadas, mas bem distintas de seu legado literário. A fim de sugerir as relações e referências existentes nas releituras, utilizaremos, como marcas d'água, neste trabalho, *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* (2000), de Walter Benjamin, e *Uma teoria da paródia* (1989), de Linda Hutcheon.

JAMES JOYCE E A CULTURA POPULAR

Ao longo da vida, Joyce manteve esse interesse na cultura popular, interesse que pode, em parte, ser explicado por sua origem. Joyce nasceu em uma numerosa família de classe média, cujo poder aquisitivo diminuía à medida que Joyce crescia. O pai, John Joyce (1849-1931), era um tipo bem popular, uma presença discreta, um frequentador de *pubs* e um talentoso cantor, tanto de óperas quanto de canções de salão, algo equivalente às músicas *pop* da atualidade. Sua maneira de ser influenciou o filho James, que transpôs certas características do pai para seus personagens: eles estão sempre indo comprar bebidas ou explodindo em música. Personagens de “Dois galãs”, “Uma pequena nuvem”, “Duplicatas” e “Graça” frequentam *pubs*. Melodias populares são entoadas em “Dois galãs”, “Barro”, “Mãe”, e especialmente em “Os mortos”. Na verdade, Joyce cresceu sendo um inveterado “taberneiro”, conhecido pela bela voz de tenor e a tendência de dançar nos estabelecimentos perto da hora de fechar, à maneira de Isadora Duncan (1877-1927), bailarina americana, considerada a mãe da dança moderna. A canção favorita de Joyce era uma tradicional canção irlandesa intitulada “Oh, the Brown and the Yellow Ale”:

As I was going down the road one fine morning
Oh the brown and the yellow ale
I met with a young man without any warning
Oh love of my heart

He asked me if the woman by my side was my daughter
Oh the brown and the yellow ale
When I said she was my wife, well, his manner did not alter
Oh love of my heart

He asked me if I'd lend her for an hour and a day
Oh the brown and the yellow ale
I said, "If she thinks it fair, you may take her away"
Oh love of my heart

She said, "You take the high road, and I'll take off with him
Oh the brown and the yellow ale
And we'll meet again by the ford in the river"
Oh love of my heart

I waited by the ford for an hour and a quarter
Oh the brown and the yellow ale
And when she came to me, 'twas without shame I saw her
Oh love of my heart

She told me her story, I lay down and I died
Oh the brown and the yellow ale
She sent two men out for timber, oh she never even cried
Oh love of my heart [...]
(Casey 2015)

Digamos que fica evidente, nesta preferência, o interesse de Joyce pelo que seus contemporâneos criticavam como "indecência", pois a letra da canção foge aos padrões morais aceitos na Irlanda do início do século XX. A moça que acompanha e parece ser filha do eu lírico, não é filha, mas companheira dele. Ao encontrar com um amigo e ouvir a sugestão de que este gostaria de tê-la "emprestado" por uma hora ou um dia, o eu lírico pergunta se estaria bem para ela. A moça concorda em acompanhar o amigo e combina onde ela e o eu lírico deverão se encontrar mais tarde. Ela demora mais do que o esperado, mas ele a espera sem nenhum resquício de rancor e pudor. Ao chegar, ela conta sua história; ele se deita e morre. Nenhuma lágrima ela derrama, nem demora para encomendar a madeira para o caixão. Resumindo, é a história de um homem que morre por amor, mas jamais tolhe a liberdade da companheira que, insensível, não é capaz de apreender a intensidade de um amor incondicional. Esse tipo de "indecência" aparece nos contos "Dois galãs" e "Duplicatas" e é também criticada pelos editores e pelos tipógrafos das editoras. No primeiro, um jovem, Corley, mostra ao amigo, no final do conto, uma moeda de ouro que recebera de uma mulher. No segundo, o modo como o personagem Farrington sorri para uma mulher no bar, como esta cruza e descruza as pernas, como esbarra na cadeira do personagem e fala com ele na saída, foram também considerados "obscenos".

Os personagens de Joyce também leem histórias de caubóis e índios, como o protagonista do conto "Um encontro", e histórias sobre crime reais, como o livro *As memórias de Vidocq* (1828), histórias de um criminoso, François Eugène Vidocq (1775-1857), que passara a auxiliar a polícia parisiense, mencionado no conto "Arábia",

quarto conto de *Dublinenses*. Ainda em *Dublinenses*, as personagens participam de corridas de automóveis e jogos de cartas em “Após a corrida”. Eles vão às compras em feiras populares em “Arábia”, dançam em “Uma pequena nuvem” e “Os mortos” e comemoram o Dia das Bruxas em “Barro”. São alguns dos exemplos que nos fazem perceber como Joyce valorizava e gostava de manifestações culturais populares.

Leopold Bloom, o herói de *Ulysses*, é notoriamente obcecado por um tipo comum de anúncio de jornal, *Plumtree’s Potted Meat*. Durante uma compra, numa reação consciente, o protagonista acredita que o anúncio está mal colocado – diretamente abaixo dos obituários, sugerindo uma relação infeliz entre cadáveres e carne em pote. Num nível subconsciente, no entanto, a figura da *Plumtree’s Potted Meat* sugere a ansiedade de Bloom sobre o “roubo” de sua esposa e de sua casa por Blazes Boylan, pois a imagem de carne dentro de um pote sugere, também, grosseiramente, a relação sexual dos amantes Molly e Boylan. O texto do anúncio sugere ainda, menos concretamente, o temor do marido de não ser o chefe de uma “casa feliz”, mas, sim, um servo em uma casa “incompleta”, sentimento intensificado quando Bloom encontra migalhas da carne, que Boylan e Molly haviam compartilhado mais cedo, na própria cama.

Vale mencionar ainda que a esposa de Bloom, Molly, uma cantora profissional, gosta de ler romances “picantes”, como *The Sweets of Sin* [Doçuras do pecado]. Conhecendo as características da personagem Molly, fica clara a motivação dela em ler o tipo de literatura que o título sugere. Este romance fictício, *The Sweets of Sin*, mencionado em *Ulysses*, batizaria uma banda de música experimental australiana de meados da década de 1980 e 1990.

Em suma, personagens de Joyce dedicam-se a entretenimentos de pessoas comuns da Irlanda na época de Joyce. Se ele estivesse escrevendo no século XXI, suas personagens, sem dúvida, estariam navegando na internet, relacionando-se por redes sociais, vagueando por alguma rua, ou à mercê de algum vício que não a bebida alcoólica apenas.

Significativamente, os habitantes da *Dublin* de Joyce frequentam bares reais, Davy Byrne, por exemplo, e lojas como Fogarty’s. Eles cantam canções existentes, como “I Dreamt that I Dwelt in Marble Halls”, uma ária popular, pertencente à ópera *The Bohemian Girl* (1843), composta por Michael William Balfe (1808-1970), hoje interpretada, pela cantora de New Age, Enya.

Esta fusão do imaginário com a realidade sensível do povo era tão incomum, tão radical em textos literários, como a crítica ao *status quo* irlandês e, segundo leitores da biografia de Joyce, passagens “indecentes” em determinados contos resultaram no atraso da publicação de *Dublinenses*, com editores e editoras preocupados com ações judiciais por parte dos proprietários dos estabelecimentos mencionados e da “afronta à moral e aos bons costumes”. Nesse meio tempo, Joyce tinha aberto um cinema, durante um de seus raros retornos a Dublin e, mais tarde, iria colaborar com o cineasta russo Sergei Eisenstein na tentativa de adaptar *Ulysses* para o cinema.

Não é nenhuma surpresa que enredos tão repletos com os prazeres da arte e do entretenimento popular fossem inspirar artistas em seu rastro. Os *best-sellers* de Stephen King e Danielle Steel, repletos de *Slurpees* (uma espécie de bebida extremamente gelada) e de relógios Rolex, respectivamente, seriam inimagináveis sem o que fora feito em *Dublinenses* e *Ulysses* – essa aproximação entre o tradicional e o popular.

JAMES JOYCE NO CINEMA, NA MÚSICA, NA INTERNET E NOS CARTOONS

A *art-rocker* irlandesa Kate Bush gravou o famoso monólogo de Molly Bloom em música. Por não conseguir permissão do espólio de Joyce para usar trechos do monólogo de Molly, teve que escrever a letra da canção “The Sensual World”, parte do álbum homônimo de 1989, no espírito de Molly. Somente vinte e dois anos depois, a cantora pode utilizar trechos do monólogo, o que o fez na canção intitulada “Flower of the Mountain” – referência carinhosa a Molly por seu marido, Leopold Bloom. Essa canção é parte do álbum intitulado *Director’s Cut* (2011):

yes first I gave him a bit of seedcake out of my mouth and it was leapyear like
now yes 16 years ago my God after that long kiss I near lost my breath yes he
said I was a flower of the mountain yes so we are flowers all a woman’s body
yes stepping out of the page into the sensual world stepping out and Gibraltar
as a girl where I was a Flower of the mountain yes when I put the rose in my
hair like the Andalusian girls used or shall I wear a red yes and how he kissed me
under the Moorish wall and I thought well as well him as another stepping out
off the page into the sensual world stepping out off the page into the sensual
world and then I asked him with my eyes to ask again yes and then he asked me
would I say yes my mountain flower and first I put my arms around him yes and
drew him down to me so he could feel my breasts all perfume yes and his heart
was going like mad and yes I said yes I will Yes (Kate Bush Lyrics 2015)

Outro cantor irlandês, Van Morrison, menciona Joyce em duas de suas canções: “Summertime in England” (1980): “And James Joyce wrote streams of consciousness books”, e em “Too long in the exile” (1993): “Too long in exile, been too long in exile / Just like James Joyce, baby”. E muitos têm opinado que as letras desconexas de John Lennon (1940-1980) em canções dos Beatles, como “I Am the Walrus” (1967): I am the eggman / They are the eggmen / I am the walrus / Goo goo g’ joob e “Come Together” (1969): Here come old flat top / He come groovin’ up slowly / He got joo joo eyeballs”, foram pelo menos inspiradas pelos escritos de Joyce, embora a evidência de uma conexão explícita é, até agora, questionável.

Joyce também é o tema do tributo feito pelos *The Pogues*, uma banda composta por irlandeses e ingleses, cujo álbum *If I Should Fall From Grace With God* (1988) contém uma capa *alternativa* que mostra o rosto de cada um dos músicos lado a lado, todos com chapéu *fedora*, tendo como figura central uma fotografia famosa do autor irlandês – com chapéu *fedora* e óculos escuros. O fato de a imagem ter sido usada

em apenas algumas edições especiais, enfatiza a importância do legado de Joyce. Cinquenta anos após sua morte, ele ainda é fonte de inspiração para um disco pós-moderno e pós-colonial, de uma música irlandesa populista, urbana e global.

Considerado um escritor complexo por leitores que conhecem ou não o seu trabalho e considerado por muitos um esnobe na vida real, Joyce permanece em sua literatura ferozmente igualitária. As referências obsessivas a *Hamlet* ao longo de *Ulysses* mostram que William Shakespeare (1564-1616), também intensamente influenciado pela cultura popular, marcou de modo profundo a ficção de James Joyce.

Joyce morreu em 1941, e, menos de dez anos depois, ele já era um ícone na cultura popular. No cinema, foi mencionado em duas produções. Numa delas, intitulada *O terceiro homem* (1949), de Carol Reed (1906-1976), há uma cena na qual o protagonista Holly Martins, um autor de livros de faroeste (do tipo que atrairiam o protagonista de “Um encontro”) é erroneamente tido por um escritor de “alta” literatura e obrigado a participar de uma seção de perguntas e respostas com especialistas em literatura de Viena. Um jovem austríaco faz uma série de questões culminando com a pergunta: “Onde situaria o Sr. James Joyce?”.

Resgatando o texto de Goldman, no decorrer do último século, Joyce e sua obra foram parodiados por um variada gama de gêneros populares. Seus textos serviram de fonte para adaptações (por mais tênues que sejam) no cinema, no *rock n’roll*, na opereta e nos romances gráficos, sem mencionar as versões literárias e teatrais. A quantidade e variedade dessas adaptações confirmam a qualidade literária e a importância alcançada pelo conjunto de textos de Joyce, uma obra fascinante, que deve ser continuamente relida, traduzida e estudada.

Em *Sunset Boulevard* (1951), dirigido por Billy Wilder (1906-2002) e produzido por Charles Brackett, o protagonista, Joe Gillis, é um roteirista que, ao ser acusado de não escrever de forma séria, pergunta se prefeririam James Joyce (ou Dostoiévski):

SHELDRAKE: This is Miss Kramer.

BETTY: Schaefer. Betty Schaefer. And right now I wish I could crawl into a hole and pull it in after.

GILLIS: If I could be of any help...

BETTY: I’m sorry, Mr. Gillis, but I just don’t think it’s any good. I found it flat and banal.

GILLIS: Exactly what kind of material do you recommend? James Joyce? Dostoiévski?

(Sheldrake Lyrics 2015)

Um outro cineasta, o já mencionado Eisenstein (1898-1948), já havia cogitado filmar *Ulysses* na década de 30, porém o primeiro projeto a levar Joyce para a tela foi uma versão de *Finnegans Wake: Passages from Finnegans Wake* (1966), de Mary Ellen Bute (1906-1983).

Outras adaptações incluem *Ulysses* (1967) e *Um retrato do artista quando jovem* (1977), ambos dirigidos por Joseph Strick (1923-2010); *Os vivos e os mortos* (1987) – úl-

timo filme do cineasta John Huston (1906-1987), que ironicamente (dado ao título da película cinematográfica) morreria no mesmo ano – é baseado no conto “Os mortos” de *Dublinenses*, e, por último, *Bloom* (2003), de Sean Walsh – para citar apenas alguns. Há, também, um musical da Broadway, releitura de “Os mortos”. Filmes que tentaram adaptar associações feitas por personagens entre memória e fantasias, palavras faladas e música ouvida, instigante combinação que remete a Joyce e a sua técnica do fluxo de consciência. Um excelente exemplo disso é o filme *Annie Hal* (1977), de Woody Allen. O diretor explora a vida cotidiana por meio da filosofia, mas se utiliza de ironia: seus personagens “filosofam”, utilizando inteligentes diálogos travados em mesas de bares e em corredores de museus de arte.

Durante esta pesquisa, uma imagem chamou a atenção, e confirma a presença da alta e baixa cultura em Joyce: uma fotografia tirada por Eve Arnold (1912-2012), em 1956, de Marilyn Monroe (1926-1962), lendo o romance *Ulysses*. Ela parece estar concluindo a obra. O impacto aqui consiste em lembrarmos que Monroe era considerada uma atriz vulgar e limitada, de pouca inteligência, incapaz, *a priori*, de ler e entender o enredo intrincado de *Ulysses*. Se achamos que ela possa, realmente, ter lido a obra, basta lembrar as palavras do próprio fotógrafo que disse ter retratado a atriz em um momento de sincero relaxamento. Ou seja, posando para uma foto, “concluindo serenamente” a leitura do mais impactante romance do século. Bem, acima de tudo, essa fotografia mostra Hollywood prestando homenagem ao *status* cultural de Joyce.

Tempos depois de sua obra e sua pessoa terem espaço no cinema, foi a música popular americana que lhe rendeu homenagem. Allan Sherman (1924-1973), famoso escritor de comédia e produtor de programas de televisão, gravou uma canção intitulada “Camp Granada” (1963), uma paródia de cartas infantis escritas em colônias de férias, nas quais menciona um treinador truculento que “não quer maricas” no seu acampamento (*wants no sissies*) e então lê *Ulysses* para os meninos, pensando que o conteúdo do romance fortaleceria os homens. Segue parte da letra da canção, com um grifo nosso:

Camp Granada
Hello Muddah, hello Fadduh
Here I am at Camp Granada
Camp is very entertaining
And they say we'll have some fun if it stops raining.
[...]
And the head coach wants no sissies
So he reads to us from something called Ulysses.
Now I don't want this should scare ya
But my bunkmate has malaria.
You remember Jeffrey Hardy
They're about to organize a searching party.
Take me home, oh Muddah, Fadduh
Take me home, I hate Granada!
(Sherman 1963)

Outra banda norte-americana, agora da Califórnia, *Jefferson Airplane*, em sua canção intitulada “rejoyce” (1968, minúscula intencional) canta sobre as personagens Leopold e Molly Bloom, Buck Mulligan e Blazes Boylan: “Mulligan Stew for Bloom... Molly’s gone to Blazes... any woman whose husband sleeps with his head all buried down at the foot of the bed”.

Já, na contemporaneidade, é o romance gráfico em particular, *Ulysses “Seen”* (<http://ulyssesseen.com/>, aspas no original), de Robert Berry, que tem aparecido *online*, em partes, desde 2009 e que melhor reproduz o método narrativo de Joyce em forma visual, usando a imagem dos quadrinhos para transpor os monólogos interiores do romance. Por exemplo, a *web page* de *Ulysses “Seen”* inclui guias de leitura e um chat de participação que constrói, por meio de comentários, uma comunidade internacional interessada em James Joyce na internet.

OS SIMPSONS – EPISÓDIO 14 TEMPORADA 20: EM NOME DO AVÔ

Muitos textos populares, como mencionamos anteriormente, invocam o ícone Joyce, usando seu nome ou imagem com chapéu, óculos e bigode. O autor não é apenas reconhecido como um dos escritores mais importantes do século XX, visto que aparece, no século XXI, na animação *Os Simpsons*. No episódio 14 da 20ª temporada, *Em nome do avô*, que foi ao ar no dia 17 de março de 2009, data em que se comemora o St Patrick’s Day, em homenagem ao santo patrono da Irlanda, é mostrado um carro alegórico, com destaque para uma personagem com as feições de Joyce, um dos “Romancistas irlandeses bêbados de Springfield”, na frente, acenando para o público. De forma engraçada e debochada, quando uma briga começa na multidão, ele pula para o meio da confusão, buscando briga. Diz-se que Joyce não era lá um grande lutador: na Paris dos anos 1920, circulava uma história de que havia provocado um conflito e depois se escondido atrás de seu companheiro mais forte, gritando: “Pega ele, Hemingway!”.

O fato de que em *Os Simpsons* a imagem de Joyce ser facilmente reconhecível demonstra a permanência cultural do autor entre seus fãs. Há ainda neste episódio um encontro num *pub* – onde mais poderia ser? – dos quatro mais reconhecidos escritores irlandeses: James Joyce, Samuel Beckett, George Bernard Shaw e Oscar Wilde. Entre as muitas referências feitas no episódio, algumas se destacam: a) referências a dois textos (um autobiográfico e outro autoficcional) e suas adaptações fílmicas; b) o contraste entre a Irlanda do século passado e deste século; c) alternância entre as cenas do pai e avô no bar de Tom O’Flanagan e o passeio turístico (no dia 16 de junho – Bloomsday) que a mãe e os filhos da família Simpsons fazem por Dublin.

A narrativa autobiográfica de Gerry Conlon (1994), intitulada *Proved Innocent*, adaptada para o cinema com o título *In the Name of the Father*, filme dirigido por Jim Sheridan (2001), apresenta uma leitura pessoal de acontecimentos traumáticos na Irlanda. O título da animação, *In the name of the Grandfather*, já é uma paródia ao título do filme. Conlon é um jovem rebelde irlandês, brincalhão e irresponsável, que é

acusado de fazer parte do IRA e acaba condenado, juntamente com três amigos, de ter colocado uma bomba no bar londrino, Horse and Grom, em 1974. As cenas iniciais do filme (a explosão do bar) têm como fundo musical a trilha sonora *In the Name of the Father*, criada pelos músicos irlandeses Bono Vox (membro do U2), Gavin Friday e Maurice Seezer. O ritmo da música é típico da Irlanda, e a letra evoca a figura do pai, de pessoas, entidades e desejos. Como para o protagonista do conto “The Gioconda Smile”, de Huxley, a filosofia existencial de Gerry parece ser: “a irresponsabilidade é a fonte da felicidade”. Só que sua conduta irresponsável e irreverente vai custar-lhe 15 anos de prisão e a morte do pai. O segundo texto adaptado, mencionado no Episódio 14 da 20ª Temporada de *Os Simpsons* é *As cinzas de Angela*.

Angela’s Ashes – A Memoir, de Frank McCourt (1996), primeiro romance (autoficção) do escritor e ganhador do Pulitzer Prize nos Estados Unidos, visita a infância miserável que ele e seus irmãos, juntamente com os pais, passaram na Irlanda. Ao reconstruir ficcionalmente seu passado de miséria, fome e morte, McCourt o faz sem rancor, com distanciamento estético tamanho que é capaz de incluir cenas repletas de humor. Sua narrativa, no entanto, parece por vezes desarticulada, própria da infância, imitando o processo de compreensão das crianças que vão apreendendo e questionando fatos isolados. Essa desarticulação funciona, sem dúvida, como uma metáfora para o olhar do menino McCourt que vê, apreende, mas não compreende; que escuta, registra, mas se cala; que sofre agressões, sem saber por que e enfrenta a fome e a miséria sem rebelar-se contra elas. Uma sentença parece resumir o assunto do romance: “Quando me recordo da minha infância, me pergunto como sobrevivi. Foi, é claro, uma infância miserável: uma infância feliz não vale a pena ser contada. Pior do que uma infância miserável é uma infância irlandesa miserável e pior ainda é uma infância irlandesa católica miserável” (Mccourt 2000: 11)

Alan Parker, um dos roteiristas e diretor do filme homônimo (1999), ao falar sobre “The Making of”, registrado no DVD do mesmo filme, aborda como um dos principais assuntos seu impulso em criar um filme monocromático, pela própria temática explorada no romance – a violenta miséria da família dos desempregados na Irlanda entre os anos de 1935 e 1950. O cineasta, no entanto, não produziu um filme PB, mas dá a impressão de tê-lo feito. Desde as primeiras tomadas de Limerick, há uso restrito de cores quentes, sendo um grande número de cenas banhado por uma luminosidade azul, acentuando o efeito do frio, do abandono, da letargia e da morte, no que parece ser um fundo monocromático.

Essas duas referências aos textos autobiográficos e suas adaptações fílmicas dão densidade ao episódio de *Os Simpsons*, principalmente porque são um contraponto à visão cômica desenvolvida pela animação de Matt Groening, criador da série. A infância do protagonista de *Angela’s Ashes* oferece material abundante para um diálogo com os contos da infância em *Dublinenses*.

O contraste entre a Irlanda do passado e a do presente fica evidente desde o momento em que os Simpsons dirigem do aeroporto até o bar de Tom O’Flanagan e o avô diz aos netos que agora eles verão um tempo mais simples, “gorros de tweed, alegres ovelhas e problemas intermináveis”. No entanto, os anúncios publicitários e a

placas de estabelecimentos de Dublin são uma variação paródica de grandes marcas e empreendimentos dos Estados Unidos (U2 Moving Crew, Coleen Secret, Mac's Fifth Avenue, Hewlett Fitzpackard, Mick-Rosoft, Cisc-O'System, Bog Bath & Beyond, etc.). O avô, ainda relembra sua juventude na Irlanda, as bebedeiras, canções e danças irlandesas no *pub*... sobre o balcão do bar, sobre bandejas, sobre carneiros... que o levam até o cemitério, onde uma viúva, contrita e de luto fechado, esquece da morte recente do marido e o acompanha. O avô é o personagem que venera o passado, uma das características do velho em relação ao novo historicismo (Teixeira 1998: 13). No bar, há brigas parnéticas e escritores irlandeses, entre eles James Joyce, embriagam-se e cantam felizes. No presente do episódio, ao chegarem ao bar, encontram-no vazio, e o dono, Tom O'Flanagan, carrancudo, assistindo TV, sem vontade alguma de recebê-los. Os traços do dono do bar lembram os do ator Peter William Postlethwaite, o pai de Gerry Conlon no filme *In the Name of the Father*, de Sheridan. Ele explica: os jovens não vêm mais ao bar, eles têm trabalho agora.

A fila de imigrantes americanos – descendentes ou não de irlandeses – é longa e cada um que passa pela imigração irlandesa recebe um nome irlandês, além de ter que aceitar o grau de parentesco que os funcionários determinam ao acaso. De absurdo em absurdo, desenrola-se o episódio. A ida a Irlanda faz parte de uma lista de desejos do avô a serem realizados antes de “virar pó numa urna”. O desejo seguinte é “ser enganado por um irlandês”, o que não demora muito a acontecer. Homer Simpson e o pai acabam comprando o bar quando estão totalmente embriagados e, sem dúvida alguma, são enganados pelo sistema financeiro e por O'Flanagan, pois de nada vale ser proprietário de um estabelecimento falido.

Ao deixar o marido e sogro no bar, a mãe diz às filhas – “Vamos fazer o que sempre fazemos nas férias. Fazemos coisas juntas [a mãe está só com as meninas nesse momento], enquanto seu pai se diverte sozinho”. Desde o momento em que a família se separa, a técnica utilizada por Groening é a da alternância entre cenas da mãe com os filhos visitando lugares turísticos em Dublin (formações vulcânicas, pedras milagrosas, etc.) e cenas do bar onde pai e filho se embriagam e acabam fazendo o pior negócio da vida. A participação dos quatro escritores irlandeses fora conservada na memória do avô por décadas, enquanto no presente da animação, o guia, segurando um volume de *Ulysses*, fala sobre James Joyce e prepara-se para levar os turistas, entre eles a mãe e os filhos da família Simpsons, pelo trajeto percorrido por Leopold Bloom em Dublin, no dia 16 de junho. Esta é a última atividade da mãe com os filhos. O filho, como sempre revoltado com a vida e com tudo que acontece e faz, escreve em seu caderninho: “Nota: na próxima vez, visitar a Escócia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito, parece que será, mesmo, na *internet* que Joyce se renovará repetidamente, em animações, *web sites* e mídias sociais – até que surja um novo formato, para transpor suas obras ainda mais uma vez. E fazê-lo continuar a ser o ícone cultural

por mais de uma era, uma referência da alta e baixa literatura, um cidadão do mundo caminhando entre a arte popular e a arte erudita. E sua obra será lida e, depois, debatida em salas de bate-papo, em universidades, em congressos, e por que não, em mesas de bar? Bem ao estilo *cult-bohème* de seu autor.

OBRAS CITADAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BERRY, Robert. Ulysses “Seen”. Disponível em: <http://ulyssesseen.com/>. Acesso em: 23 maio 2015.

BRACKETT, Charles, & WILDER, Billy. Sunset Boulevard. Disponível em: <http://www.dailyscript.com/scripts/sunset_bld_3_21_49.html>. Acesso em: 23 maio 2015.

CASEY, Caran. *Two More Hours*. Disponível em: <http://www.karancasey.com/Chasing%20lyrics.html#Brown>. Acesso em: 25 maio 2015.

CINZAS de Ângela, As. Direção de Alan Parker. Estados Unidos; Paramount Pictures, 1999. 1 DVD (120min), son., color.

CONLON, Gerry. *Proved Innocent*. London: Penguin Books, 1994.

GROENING, Matt. *Os Simpsons*. E14 T20. *Em nome do avô*. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/vtzludptk2f8/os-simpsons--20-temporada-episodio-14-completo-e-dublado-0402CC983270D8B14326?types=A&>. Acesso em: 23 maio 2015.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*: ensinamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1989.

JOYCE, James. *Dublinenses*. São Paulo: Hedra, 2012.

———. *Ulysses*. New York: The Modern Library, 1942.

KATE BUSH LYRICS. Disponível em: <http://www.azlyrics.com/lyrics/katebush/flowerofthemountain.html>. Acesso em: 23 maio 2015.

MCCOURT, Frank. *As cinzas de Ângela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

SHELDRAKE LYRICS. Disponível em: http://www.allthelyrics.com/lyrics/sunset_boulevard_soundtrack/sheldrake-lyrics-79683.html. Acesso em: 25 maio 2015.

TEIXEIRA, Ivan. *New Historicism. Cult*, São Paulo, p. 12-15, dez. 1998.

A BRIEF INVENTORY OF JAMES JOYCE'S (RE)READINGS AND A STOP AT THE SYMPSONIAN PUB TOM O'FLANAGAN IN DUBLIN

ABSTRACT: This paper presents a short inventory of the influence of popular culture in the works

of James Joyce (1988-1941) and the mark that his literary output imprinted, later on, in the most diverse media. According to Jonathan Goldman, Joyce's texts are full of references to popular entertainments. The critic also affirms that Joyce's productions are the source for film adaptations, rock songs, operettas and graphic novels. To illustrate Goldman's critical comments, we will examine *In the name of the Grandfather* (E20 T14), by *The Simpsons*, an episode that takes place in Ireland, has Joyce as one of the cast members and Blooms' path, described in detail in the novel *Ulysses*, as a tourist route in the Irish capital.

KEYWORDS: popular culture, rereadings, *Simpsons*.

Recebido em 17 de agosto de 2015; aprovado em 16 de novembro de 2015.